

e de outras quejandas produções próprias do tempo, e cujo espirito elle mesmo não conhece, nem poderá nunca conhecer, graças á nunca assás lembrada consolidação da sua callote craneana. Entremos em materia, e vejamos se nos cinco itens de sua *contrariedade* (desculpem os leitores a locução juridica), publicada nos jornaes de 3 e 4 do corrente, ha um so que possa destruir o que articulamos em nosso libello.

Nada. Em primeiro logar, L. L. poz de parte as accusações essenciaes para responder a cousas secundarias. Não seja isto, porém, motivo de desagrado.

Ao primeiro item, que se refere á questão de ser ou não ser L. L. romancista moderno, naturalista, veio L. L. com esta nova coactada: — que o seu naturalismo não é o de Zola, como o *Noviço* desejaria que fosse, ou determinista «com todo o seu cortejo de influencias *caceteadoras* etc.», mas sim o de Balzac, Goncourt, Daudet e Dickens.

Coitado de L. L. ! Pobre L. L. ! Leu e não entendeu. Quem lhe disse que *Noviço* é zolista e aceita no romance o methodo experimental de Claude Bernard?

Pois se não sabe, fique sabendo. O que *Noviço* quer que appareça n'essa qualidade de productos d'arte é unicamente a observação, mas a observação com espirito philosophico; nunca a dissertação, nem o delirio sem razão de ser. O romancista no seculo XIX não pode ser simplesmente um poeta; se pretender vingar, ha de forçosamente apparellhar-se com todos os instrumentos de seu tempo, ou ha de ser genio; o que vem a dar identicos resultados. Se não satisfizer essa exigencia, não passará de um alinhador de phrases, que, n'alla tendo enchergado, n'alla tem tambem que dizer, cingindo-se, por tanto, logo que toma a penna para escrever, a accumular logares communs.

Segundo pensa *Noviço*, o unico methodo de observação seguro, judicioso, é o *binario*. (Deixamos a palavra sem explicação, de proposito, para dar a L. L. o que resmoer). O methodo binario tem a immensa vantagem de evitar os excessos de escola; é o que mais convem aos espiritos calmos e reflectidos.

Já vê L. L. que ainda uma vez errou a pontaria; o que nao levamos a mal.

O que, porém, não toleraremos é que L. L. se julgue original, se bem que parecido com Balzac, Goncourt, Daudet e Dickens.

Que orgulho! e que *parvoçada*!

Olhem os leitores se temos ou não razão em tanger esse touro bravo para a gangorra.

Cada um d'aquelles autores que elle citou representa um temperamento diverso, uma in tole differente. São artistas de raça, que, cedendo a influencias oppostas, têm e tiveram processos dissemelhantes, notas ou telas particulares.

Comparar Daudet, o avelludado, o expansivo Daudet, ao melancolico e profundamente humoristico Dickens, importa o mesmo que chamar de arroz doce ao Pão de Assucar.

Não obstante, L. L. reunio-os em rosario, e, pendurando-os ao pescoço, julgou tudo ter feito.

No proximo artigo diremos com quem o poeta *gasto* se parece.

Noviço

Não ha religião que não blaspheme um pouco.

VICTOR HUGO

LUIZ DELFINO

AO «DIARIO LIBERAL»

Depois da criticasinha do *Coropido*, a que já respondi, atirou-se o Taine do *Diario Liberal* á *Solemnia Verba* com o mesmo ardor de destruição e o mesmo alfinete escarafunchante.

Disse della mais do que — cobras e largatos; disse — serpentes e crocodillos!

Começou por chamal-a, não *Solemnia* mas *Inania Verba*.

E depois de se declarar convencido «da absoluta falta de sinceridade com que exalto a *Solemnia Verba*», desfecha com a sua espingardinha terrivel este tremendo tiro... de polvora secca:

«Em todo o trabalho artistico, ha uma concepção fun lamental a que todas as partes, todos os detalhes, se subordinam, para tornal-a saliente; para este effeito devem concorrer todos os esforços do artista. A' *Solemnia Verba* falta essa concepção fun lamental, falta esse ponto de convergencia, para on le deviam tender os raios da imaginação do poeta. Inutilmente se procura esse ponto. Vemos essa imaginação doullejar sem rumo, apenas subjugada á necessidade momentanea o frivola da rima, que, bem ou mal vencida em uma estancia, se renova na seguinte, o o guia como um cão que dirige um cego: sem que este saiba para on le vae. Producto de acaso, que lhe deu a primeira rima, a *Solemnia Verba* accusa em todas as estancias os vicios da origem: a desordem, a confusão, o disparate e o absurdo.»

A' *Solemnia Verba* não falta concepção fun lamental. Ella é, ao contrario, granhiosa e vasta. Escripto por occasião de subir D. Alfonso XII ao throno da Hespanha, é este verda leiro poema um grande grito de do e de indignação ante o aviltamento moral e politico da «bella Hespanha do Cid e de Pelayo»; lamenta e profliga em sonoros versos vingadores o abastardamento do character hespanhol, o seu servilismo monarchico, a sua cegueira religiosa, a sua cobarlia e a sua inação sob o dominio dos oppressores; fustiga, amalhoça a perla do sentimento da Liberdade, e procura reanimar nesses corações, gelados pelo despotismo e pela ambição, o pouco sangue honrado e generoso que nelles ainda reste. Eil-a, esboçada em duas palavras, a idéa fundamental desse poema. Não me alongo sobre este ponto, aliás importantissimo, porque o meu amigo Luiz Murat no proximo artigo da serie que tem publico nesta folha, sobre o Dr. Luiz Delfino, occupar-se-ha com o estudo da *Solemnia Verba* e demonstrará brillantemente que esse trabalho, quer como concepção, quer como execução, honraria a litteratura hespanhola, se

Havendo deixado de escrever na *Gazeta de Noticias* as *Notas á margem*, será desta folha que responderei ao *Diario Liberal*, de S. Paulo sobre a critica que emprehendeu dos trabalhos de Luiz Delfino.

V. M.

lhe pertencesse, e é de quantos poemas se tem publicado no Brazil o de maior alcance social e politico, o de concepção mais alta, mais generosa, em uma palavra: — mais humana.

Para provar que a *Solemnia Verba* é um «producto de acaso», mixtíforio poetico, sem pés nem cabeça, desfia o formidando critico um longo rosario de reparos e censuras. Vou acompanhá-lo nesse inglorio e penoso trabalho; mas, desta vez, não confiando unicamente ás proprias forças, mas fortemente secundado pelo auxilio de illustrado escriptor, que obzequiosamente me enviou a maior parte das notas com que vou responder ás criticas do *Diario Liberal*. Darei primeiramente a censura e logo abaixo a resposta. Começemos:

«*Revolta a entranha, gottejando sangue, Polluta a carne, rota e palpitante, Olhos sem lume, o corpo inerte e exangue, Lacerada, qual tronco de gigante, Que o raio lasca e que do vento a sanha D'alto a baixo derroca da montanha... Nas vascas da agonia a Hespanha estava!*»

Embalde a liberdade austera e honesta Mascula a forças novo ar lor lhe dava... Quer erguel-a... bradaram-lhe: não presta.

Mas... vem um rei; abate-a; e (cousa estranha!) Bastou: 'stá viva: resurgiu a Hespanha!

Eis as duas primeiras estancias com que rompe a *Solemnia Verba*. Luiz Delfino começa por personificar a Hespanha; mas é infeliz na personificação, porque a compara a uma pessoa embriagada, ou padecendo de um accesso de colica: tanto importam as expressões — *revolta a entranha*. O poeta quer ser sublime, e apenas consegue ser ridiculo, equiparando as consequencias de uma revolução aos effeitos de um revulsivo. A imagem é degradante, e produz uma sensação de repugnancia, sensação radicalmente diversa da que o autor dos versos pretendeu evidentemente despertar no espirito do leitor.

Além d'isto, aproximados uns dos outros os versos e os epithetos, de que usa Luiz Delfino, encerram sentidos contradictorios, symptoma grave que indica — ou que o escriptor dispõe de uma imaginação illogica e desorganizada, ou que não conhece o valor a significação dos vocabulos que emprega. Se no primeiro verso a Hespanha *gotteja sangue*, como é possível que esteja *exangue*, no terceiro? Se não tem sangue, porque o *gotteja*? Se o *gotteja*, porque não o tem? Se a carne *palpita* no segundo verso, porque está o corpo *inerte* no terceiro? Manifestamente, Luiz Delfino, vassallo esta estancia, como sempre lhe succede, não levava em vista um pensamento elevado, mas cedia á necessidade da rima, ao gosto das palavras sonoras e retumbantes, a que pela maior parte das vezes sacrifica até o senso commum.»

A palavra *entranhas* não importa uma idéa baixa, como diz o critico. Garret disse no *Frei Luiz*: «Filha de minhas *entranhas*.»

Rebello da Silva escreveu:

«...que rasga as *entranhas* de quem o ouve.»

Castilho fez estes versos, bons, principalmente, para provar o desacerto do reparo:

« Parto viuvo e só, como quem sente
As entranhas arrancadas... »

Quanto a *gottejar sangue* um corpo *exangue*, engana-se o critico suppondo haver n'isso asneira.

Exangue não quer dizer sómente « que não tem mais sangue » — como quer o critico; também significa *esvaziado em sangue*. Não ha nada egualmente de admirar em que palpita a carne de um corpo inerte. Isto tem sido dito mais de uma duzia de vezes—pelo menos—a respeito de corpos trucidados em guerra ou no cadafalso. A carne pôde palpar sem fazer com que se mexa o corpo.

Ainda mais:—de um cadaver movimentado pelo galvanismo se pôde sem erro dizer que é *inerte*; pois que inerte, ainda na lição de Caldas Aulete, é adjectivo que qualifica—o que não tem movimento ou actividade *propria*.

Continúa o critico:

« Passemos á terceira estancia:

«E' ella! Vede-a! é ella! Embraga o manto,
«Que pela espalda cae-lhe longamente;
«No olhar—prazer, enleio, orgulho, espanto;

«A régia corôa lhe illumina a frente;
«E por meio do povo, que é-lhe espolio,
«Rasga a estrada de Apio ao Capitolio.

Embragar significa—pôr no braço; assim é que se diz—embragar o escudo. Um manto, quando muito, sobraça-se; mas Luiz Delfino, forçado pelo numero das sylladas, escreve que a Hespanha *embraga* o manto. Isto no primeiro verso da estancia. No segundo, o manto que ha pouco estava no braço, passa, quando menos se espera, a cahir longamente pela espalda. Este rasgo de imaginação vertiginosa é um dos traços salientes da physionomia litteraria de Luiz Delfino.

A régia corôa lhe illumina a frente é um verso aleijado.

« O manto cae pela espalda, mas as pontas são *embracadas*, para não rojarem por terra. » E' a descripção que faz Wolf em um dos *Salões* do *Figaro*, tratando do panejamento de algumas estatuas gregas.

«A régia corôa lhe illumina a frente» não é um verso aleijado porque o critico deve lê-lo pronunciando *c'róa*, da mesma forma por que deve ler este verso de Theophilo Dias:

«Da poeira com as nuvens confundido» (*) por esta forma:

«Da poeira co'as nuvens confundido» e pela mesma forma todos os mais em que claramente se reconheça que tem logar a ellisão ou supressão, que o poeta não fez, deixando esse trabalho ao leitor.

O critico, caçador infatigavel e apaixonadissimo de amphybologias, encontrou uma nos seguintes versos:

« Para saudar o imperio, que surgia,
De entre as brumas de asperissima tormenta,
Que inda montes e valles envolvia,
A primavera festiva rebenta,
E espedaçando o manto das neblinas
Ergue a fronte enrolada de boninas. »

dizendo que, ao lê-los, « não se sabe se é o imperio que surge d'entre as brumas da

asperissima tormenta, ou se é a primavera que rebenta d'entre as mesmas brumas, para saudar o imperio. »

Esta amphybologia é da força das outras anteriormente caçadas pelo critico; si existe na sua *cachola*. O' homem de Deus, pois você não vê que o antecedente d'aquelle primeiro pronome relativo (*que*) é o imperio, e que, portanto, o que surgia das brumas era forçosamente o imperio e não a primavera? Como pôde então haver a tal amphybologia, senhor critico?

Em relação a este verso:

« Chiu no campo o hymno da charrua »

diz o terrivel e mysterioso La Harpe do *Diário Liberal*:

« Hymno que chia, não conhecemos outro que não seja o d'esta estancia. »

No seu *Hymno ao trabalho*, Castilho celebra o rumor da serra, do martello e do malho. Ora, a charrua, andando, chia, e esse ruido é também uma estrophe do hymno do trabalho. Sempre critica—de frango!

Depois, arrepende-se de horror vendo que Luiz Delfino compara os canhões a « longos reptis de bronze ajoelhados »

Entretanto, não ha comparação mais apropriada do que essa dos canhões com reptis de bronze. *Colubrina* era na artilharia antiga a denominação de uma certa especie de peça; e *colubrino* significa em nossa lingua — semelhante ou pertencente á cobra (*couleuvre*). Quanto ao arrepio de horror que lhe produziu ver os reptis ajoelhados, lembremos-lhe « o mar de bruços » de Castro Alves e a « alma ajoelhada », de Hugo.

Demais, se o critico houvesse visto uma cobra com parte do corpo estendida no chão e a outra parte, a da cabeça, levantada, em linha quasi perpendicular áquella, teria comprehendido a imagem do reptil ajoelhado, porque a cobra em tal posição parece realmente estar—de joelhos.

« Ria-se austeramente a Calatrava. »

Rir austeramente é uma novidade. O sorrir pôde ser austero. O riso, pelo lado physiologico, decompõe os musculos da face, e tira-lhe a austeridade; psychologicamente, originando-se de uma provocação comica, não pode ser austero. »

Respondemos-lhe:—O riso pôde ser austero e até dolorido. Garret disse:

«... riso, que, melhor que o pranto,
Expressaria a dor. »

Depois, acha o critico que o pó dos pés (« Beijando o pó dos pés aos seus senhores ») é, além de immundo, cacophonico. Immundo porque? Tão immundo é o pó dos pés (em vez de pó dos sapatos ou das bôtas) como o pó das praças,

(« Gonfaloneira das raças,
Sonhei-a no pó das praças. »

disse Fontoura Xavier;) ou qualquer outro pó. Quanto ao cacophaton, é elle

dos inevitaveis, como o « alma minha » de Camões, o « acerca della », frequentemente empregado pelo Sr. Ramalho Ortigão e outros como: a honra da nação, alegria do lar (*adular*), etc...

Mais adiante, é este verso que pôde em furor o critico:

« Nua, rôta, descalça e em desalinho »

Diz elle:

« N'esse verso, vê-se a Hespanha descalça, pela primeira vez no poema; vemol-a, também nua, e ao mesmo tempo, inexplicavelmente, rôta, em desalinho. Nua quer dizer sómente — sem roupas; em desalinho, quer dizer—com os vestidos mal arranjados. »

Engana-se, flôr. Nua não quer dizer sómente — sem roupas, mas também — descoberta. No verso arguido o que se diz é que ella estava nua, justamente porque estava em desalinho. Uma cousa não exclue a outra.

« Descabellada em lubrica loucura,
« O que buscavas tu na liberdade? »

Se o adjectivo *lubrica* é destinado a comparar a Hespanha a uma rameira despejada, a imagem é indigna da nobreza da emoção, que o artista quer despertar; se o termo é empregado no sentido proprio, a alliança com o substantivo — *loucura* é incomprehensivel.

Novo engano, meu frango.

Lubrico também significa *escorregadio*. *Loucura lubrica* é a de quem não se sustenta e cambaleia.

« Um povo repassado da ferrugem
« Das cadéas, etc. »

A ferrugem não repassa, não satura o ferro; come-lhe a superficie. A imagem é, portanto, viciosa. »

Mas, senhor critico, o poeta não disse que as cadéas estavam repassadas de ferrugem, mas sim que o povo estava repassado da ferrugem das cadéas. Pois não entende mais o que lê?

Além de que, *repassar* também significa — *embeber*; *embebido* de ferrugem não significa *saturado*.

« Ergue o lençol dos annos seculares »

Annos seculares é uma expressão surpreendente, que autorisa-nos a esperar que o assombroso vate venha ainda a escrever — *seculos annuaes*, com ruidoso applauso dos seus admiradores. »

Dizemos-lhe, em resposta, que *secular* também significa — o que tem durado um seculo ou seculos. *Annos seculares* é uma expressão tão bella como as *semanas de annos* de que falla a Biblia.

Agora vejo que vai longa esta refutação. Por isso faço hoje ponto n'este ponto.

VALENTIM MAGALHÃES

O mais triste opprimido é o oppressor.

VICTOR HUGO

(*) *Cantos Tropicães*; A Partida, pag. 28.